

VI Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología
XXI Jornadas de Investigación Décimo Encuentro de Investigadores en
Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos
Aires, Buenos Aires, 2014.

A adição ao trabalho: uma problematização desde a psicanálise.

Dal Forno, Cristiano, Kegler, Paula, Garcia Grigorieff,
Alexandra y De Andrade Terribile, Isabele.

Cita:

Dal Forno, Cristiano, Kegler, Paula, Garcia Grigorieff, Alexandra y De
Andrade Terribile, Isabele (2014). *A adição ao trabalho: uma
problematização desde a psicanálise. VI Congreso Internacional de
Investigación y Práctica Profesional en Psicología XXI Jornadas de
Investigación Décimo Encuentro de Investigadores en Psicología del
MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires,
Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-035/605>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/ecXM/7aw>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso
abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su
producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite:
<https://www.aacademica.org>.*

A ADIÇÃO AO TRABALHO: UMA PROBLEMATIZAÇÃO DESDE A PSICANÁLISE

Dal Forno, Cristiano; Kegler, Paula; Garcia Grigorieff, Alexandra; De Andrade Terribile, Isabelle
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Argentina

RESUMEN

A vida laboral adquire sentidos que extrapolam o exercício de determinada prática profissional. Neste campo de experiência se fazem presentes aspectos do dinamismo da sexualidade humana, sendo inegável o caráter central que o trabalho ocupa nos investimentos libidinais. Este tema livre objetiva problematizar circunstâncias nas quais o exercício laboral desenvolve-se a partir da lógica da adição, vislumbrando seus desdobramentos no padecimento do sujeito contemporâneo. Propõe-se uma discussão teórica a partir de vinhetas obtidas em entrevistas, advindas de três dissertações de Mestrado (duas delas concluídas e uma em andamento) conduzidas pelo Grupo de Pesquisa “Fundamentos e Intervenções em Psicanálise”, da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil. Questiona-se a serviço de que está o trabalho que gera no sujeito uma modalidade de investimento exclusivo e exaustivo, de modo a lhe impor carências nas demais áreas de sua vida, que, gradualmente, passam a ser ignoradas. Trabalhar “loucamente” relaciona-se a um trabalho exercido sem sujeito, ao labor sem subjetividade, em que a mensuração de uma pseudoexistência passou a se dar pelas horas de dedicação às práticas que precisaram se esvaziar, pois delas não mais puderam participar sujeitos com significações psíquicas particulares.

Palabras clave

Trabalho, Adição, Psicanálise, Padecimento

ABSTRACT

THE ADDITION TO WORK: A PROBLEM SINCE PSYCHOANALYSIS

Working life acquires meanings that go beyond the exercise of certain professional practices. In this field of expertise, aspects of human sexuality considered undeniable to the central character that work occupies in libidinal investments. This open subject aims to discuss circumstances in which the employment exercise develops from adding and glimpsing its aftermath. We propose a theoretical discussion of vignettes obtained from interviews, from three Master's dissertations (two of them completed and one in progress) conducted by the Research Group “Foundations and Interventions in Psychoanalysis”, Psychology College, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brazil. Questioning the fact that work generates a type of exclusive and exhaustive investment, developing shortages in other areas of your life, which gradually start to be ignored. Overworking relates to a job done without subject, to work without aim, the measuring of a pseudo-existence started to take place due to the hours of dedication to work which was required most subjects could not understand the need to overwork.

Key words

Job, Addition, Psychoanalysis, Affliction

A vida laboral, em sua complexidade, adquire sentidos que extrapolam o exercício de uma determinada função ou prática profissional. Neste campo de experiência se fazem presentes aspectos fundamentais do dinamismo da sexualidade humana, sendo inegável o caráter central que o trabalho ocupa nos investimentos libidinais da vida adulta, principalmente em função de sua valorização nos tempos atuais. Este tema livre tem o objetivo de problematizar circunstâncias nas quais o exercício laboral desenvolve-se a partir da lógica típica da adição, vislumbrando seus desdobramentos no padecimento do sujeito contemporâneo. Propõem-se, para tanto, uma discussão teórica a partir de vinhetas obtidas em entrevistas realizadas com trabalhadores cujas práticas envolvem o cuidado ofertado ao outro. O material coletado advém de três dissertações de mestrado (duas delas concluídas e uma em andamento) conduzidas pelo Grupo de Pesquisa “Fundamentos e Intervenções em Psicanálise”, da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), no Brasil.

Sabe-se que, no início do século XX, Freud ao se deparar com padecimentos inexplicáveis ao conhecimento da época, debruçou-se sobre o estudo do sujeito psíquico, dedicando-se à investigação acerca da dimensão pulsional e sexual da vida humana (May, 2012). Desde as pesquisas psicanalíticas primordiais, evidenciou-se que a constituição do sujeito psíquico dá-se no eixo de um encontro intersubjetivo, cujas trocas afetivas e de investimento libidinal possibilitam a construção de significados. Nessa interação singular humana, inaugura-se a possibilidade, posterior, de atribuição de sentido ao mundo por parte daquele que, paulatinamente constitui-se como sujeito.

Nessa perspectiva, torna-se possível propor problematizações psicanalíticas sobre questões relativas às modalidades de investimento do sujeito em sua vida. Aborda-se a temática da adição ao trabalho tanto no sentido de permitir uma leitura do investimento pulsional do sujeito nesta atividade, como, também, a fim de explorar a importante função do trabalho no mundo pulsional. Trata-se de explorar as relações entre o sujeito e seu trabalho como mediadores da saúde e/ou adoecimento psíquicos.

Compreender os sentidos do trabalho atualmente é um desafio importante, na medida em que a prática laboral possibilita o exercício de habilidades e a expressão da criatividade na construção da emancipação dos sujeitos (Dejours, 2012). A Psicanálise pôde demonstrar ricamente a relevância da sublimação na transformação das pulsões sexuais em práticas alinhadas aos valores culturais de um tempo. Destacam-se, neste eixo, as práticas laborais que, ao manterem o sujeito ligado à realidade, cumprem uma dupla função: de um lado a manutenção da ordem social e produção de bens de consumo, culturais ou serviços e, de outro, alguma satisfação pulsional aos sujeitos que, de outro modo, poderiam, até mesmo, adoecer (Freud, 1930/2006).

Dentre os muitos elementos ofertados pela sociedade para viabilizar os investimentos pulsionais de um sujeito situam-se as atividades laborais. Desta forma, cabe ao trabalho desempenhar um papel

de grande importância na constituição identitária. Em consonância com essa perspectiva, Coelho (2010) afirma que “o trabalho é produtor de sentido para o ser humano, e que só o é, porque coloca o sujeito em uma relação de reconhecimento mediada pelo que ele produz e pelas relações com os outros, as quais se presentificam no ato de trabalhar” (p. 30). As relações de trabalho e os projetos profissionais são situados por Hornstein (2008) como campo de investimento de libido objetual do sujeito adulto, podendo representar um alicerce para a constituição do Eu, dos ideais, dos projetos, da simbolização e da criatividade, na medida em que promove um equilíbrio próprio da saúde psíquica. Assim, a vida laboral, ao configurar-se como um objeto privilegiado de deslocamentos libidinais, tem uma função específica e relevante no desenrolar da sexualidade adulta, abarcando aspectos econômicos e dinâmicos do funcionamento psíquico.

O trabalho, como prática social, se insere no contexto de valores próprios a uma realidade histórica e cultural. Impõe-se ao trabalhador a exibição de uma *performance* no cenário laborativo mediante constante produção, atribuindo ao trabalho condições de poder, potência e êxito como viabilizadores de uma sensação de totalidade e completude (Abraham, 2000). Concomitante a esta concepção, a perspectiva contemporânea capitalista apresenta como uma possibilidade o domínio irrestrito do ser humano sobre o ambiente e sobre si mesmo de modo que o faz acreditar em sua capacidade de “atingir níveis cada vez maiores de produtividade e qualidade” (Júnior, 2008, p. 103). Nesse sentido, Bauman (2001) enuncia que o trabalho, até então circunscrito no campo da intersubjetividade, adquiriu uma significação estética e autocentrada, respondendo a uma nova ética de autogratificação e competitividade. Assim, a vida laboral configura-se como mais um cenário no qual ao sujeito é demandado expor uma inquestionável capacidade produtiva, via desempenho superestimado.

Questiona-se, nesta perspectiva, o significado que pode o trabalho adquirir para o sujeito contemporâneo quando o coloca num circuito de exigência excessiva de alto desempenho e rendimento nas tarefas laborais cotidianas, no qual o que está em jogo não é propriamente o resultado concreto de seu trabalho, mas sim os significados nefastos que o fracasso poderia ter sobre a subjetividade do trabalhador. Assim, a cobrança pela alta *performance* impõe aos profissionais a constante exigência de um desempenho excelente em todos os âmbitos, ao custo, muitas vezes, de importantes perdas pessoais. No relato de um bombeiro entrevistado, evidencia-se que, ao verificar o fracasso de dois casamentos que resultaram inconciliáveis com as exigências profissionais, o trabalhador teme assumir uma função de comando e fracassar ainda mais.

“Aí é que tá o problema, porque a questão de não errar, não errar, não errar, não errar, não errar, não errar, você não, não consegue admitir que as pessoas errem, e aí por isso de dois casamentos de repente indo por água à baixo e como é que eu vou lidar com isso depois numa função de comando?” (bombeiro, sexo masculino, 39 anos).

Em tempos pós-modernos, conforme aponta Birman (2012), um dos maiores sofrimentos a perturbar o sujeito é o *vazio de sentido*. Esse vazio caracteriza-se pela incapacidade de vivenciar as experiências de forma a incorporá-las à subjetividade. Como consequência, observam-se manifestações psicopatológicas nas quais a impotência de sujeitos demonstra a ausência de significados no existir. Diante deste vazio, o qual nada consegue preencher, o autor considera que as tentativas contemporâneas de ocupá-lo são empreendidas a partir dos excessos típicos da contemporaneidade. Tais excessos se apresentam, por vias de ato, na busca pelo sentido que está perdido.

O trabalho presta-se, como modalidade de investimento pulsional, a proteger o sujeito da experiência de angústia que denuncia o vazio existencial. A tônica se coloca na exclusividade que o trabalho pode assumir na vida desses sujeitos como única forma de existir possível, salvaguardando-os, aparentemente, da ameaça de vazio. Tal estado da questão é expressado na fala do militar que entende que o contato com as pessoas pode se dar exclusivamente no eixo laboral:

“Tu tem que te manter ocupado para poder estar sempre com a mente funcionando, trabalhando, tendo contato com pessoas, experiências diferentes, para tu poder viver” (militar, sexo masculino, 46 anos).

Ao considerar a vida laborativa como um relevante potencial para a constituição de sentidos para os investimentos de um sujeito, problematizam-se as circunstâncias nas quais o exercício laboral acaba por estancar esta possibilidade criativa. Nessa condição de exclusividade, o trabalho acaba por evidenciar modalidades de padecimento psíquico. Quando a atividade laboral é tomada, por exemplo, não como fonte de satisfação pulsional, que permita uma satisfação parcial e responda a uma das muitas formas de vivência subjetiva, ao lado de outras como as de lazer, a vida familiar e social, observa-se seu componente aditivo. Cada vez mais frequentemente o trabalho tem respondido à velocidade e à intensidade próprias dos tempos atuais, em que o imediatismo e o pragmatismo têm roubado dos sujeitos as possibilidades de significação e de identificação em suas práticas laborais. Uma das consequências de tal quadro é trabalhadores que têm estabelecido com seus trabalhos relações de dependência, via lógica adita.

A adição ao trabalho se evidencia nos denominados *workaholics*, trabalhadores que encontram na esfera profissional uma forma exclusiva de descarga pulsional, sem a construção de significações alinhadas as suas particularidades. Como afirma Carmo (2005), “em uma civilização que tem no trabalho a categoria econômica e social dominante e seu único valor, é possível encontrar pessoas afirmando, com uma ponta de orgulho, que são ‘viciadas em trabalho’ ”(p.16). Tais indivíduos se sentem impelidos ao trabalho e se vêem incapazes de deixar de fazê-lo, de modo que perdem a capacidade de escolha (Gurfinkel, 2011). A adição ao trabalho está relacionada à perda da estabilidade emocional e do controle sobre a execução das tarefas em um processo compulsivo de busca pelo êxito (Killinger, 1991). Nessa perspectiva, ao fazer referência aos *workaholics*, Carlotta (2011) afirma que, nestes casos, o trabalho configura-se como um eixo que se encontra excessivamente investido, de modo que o indivíduo é incapaz de encontrar outras formas de ocupação e investimento, além da atividade laboral. Dessa maneira, o trabalho como adição, longe de responder a uma atividade sublimatória, refere-se à mera descarga de um excesso, por uma via que se tornou exclusiva e, portanto, patológica. O trabalho como excesso exige do sujeito um investimento pulsional quase exclusivo, de modo a esgotá-lo em suas condições de investimentos afetivos em outros objetos de sua vida, principalmente considerando-se a família. Tal situação é ilustrada na fala do militar entrevistado:

“Tinha dias que eu chegava em casa, as minhas filhas e a minha esposa já estavam dormindo, e eu saía antes de elas acordarem. Eu tinha um contato restrito com elas. A minha profissão era muito atribulada, eu viajava muito, não tinha tempo. Esses trinta anos foram dedicados à FAB, eu quase não via a minha família.” (militar, sexo masculino, 49 anos).

Segundo Carlotta (2011), sujeitos dependentes do trabalho fazem projetos simples ficarem mais complicados do que o necessário ou, por muitas vezes, optam por trabalhos mais complexos e árduos. Além disso, a autora aponta que trabalham mais tempo e mais

intensamente do que os outros, pois impõem a si mesmos altas exigências ou, ainda, justamente são compelidos a escolher uma profissão que lhes exige total dedicação.

O trabalho como prática exclusiva pode ser, muitas vezes, naturalizado na vida dos sujeitos. Suas justificativas constroem-se na perspectiva de atribuir um caráter de naturalidade às muitas atividades desempenhadas e que, em alguns casos, chegam a representar um notável valor no âmbito de determinadas profissões.

“(...) mas cuido menos de mim do que cuido dos outros, né. Eu acho que é normal da gente assim, digamos assim, entre aspas, que trabalha na área da saúde. Porque a gente trabalha muito, o tempo que está em casa, às vezes está dormindo. E eu acho que a gente não cuida tão bem da gente quanto cuida dos outros.” (técnico de enfermagem, sexo masculino, 30 anos)?

Segundo Figueiredo (2012), no cenário do exercício do cuidado, “é preciso saber cuidar do outro, mas também cuidar de si... deixar-se cuidar pelos outros, pois a mutualidade nos cuidados é um dos mais fundamentais princípios éticos a ser exercido e transmitido” (p.141). Todavia, na medida em que o fracasso de outros investimentos (o vazio) busca ser compensado pelo sujeito na conquista de um sucesso absoluto que prescindia do outro, é estabelecido um circuito de labor compulsivo e desconcatenado da experimentação afetiva, ou seja, trata-se de um puro ato no qual nem sujeito nem objeto são considerados. Ao psiquismo, nesta condição de adição ao trabalho, impõe-se uma repetição constante em busca da excelência na *performance*, exercendo influência sobre a motivação do trabalhador contemporâneo, assim como sobre sua satisfação e sua produtividade (Morin, 2001).

O relato de um bombeiro militar revela seu grande envolvimento não somente com as tarefas estritas da profissão, mas, também, com as etapas que tem de vencer a fim de progredir na carreira. Tal circuito de exclusiva dedicação, leva ao afastamento da família: *“É... dois casamento por água a baixo. Sei lá, né, cara (risos), não sei como é que eu lido com isso. Eu sou assim, às vezes muito explorado e eu acho que, por exemplo, assim o meu lado pessoal assim ele, ele, você não tem um acompanhamento, entendeu? Você não tem nada parecido, então, daí você não sabe o que fazer, você mete um coisa na cabeça: pra mim eu tinha que me formar, né, ‘ah, eu tenho que me formar pra isso, praquilo, pra aquilo outro’, tá, aí isso põe no casamento. Aí depois eu tenho que fazer isso, isso e isso e essa vida aqui dentro assim...” (bombeiro, sexo masculino, 39 anos).*

Faz-se mister questionar a serviço de que está o trabalho que gera no sujeito uma modalidade de investimento exclusivo e exaustivo, de modo a lhe impor carências em todas as demais áreas de sua vida, que, gradualmente, passam a ser ignoradas. A prática de atividades cotidianas que, em geral, são repetitivas e demandam alto investimento pode, em alguns casos, assumir feições de trabalho excessivo e aditivo. Porém, as pessoas podem dedicar longos períodos de tempo ao trabalho, sem com isso se tornarem aditas (Carlotto, 2011).

Considera-se importante, portanto, estabelecer a distinção existente entre comportamentos que revelam características aditas e aqueles aos quais o sujeito se habitua. Conforme Gurfinkel (2011) o hábito denota um sujeito que se acostuma a certas atividades que tendem a se perpetuar. Apesar de o hábito provocar uma forte inclinação ao objeto de preferência, não há a perda da condição de sujeito nem de sua capacidade de escolha. Assim, o sujeito pode sofrer pela falta de objeto, mas não se desorganiza em função disso, pois ele existe sem o objeto. O trabalhador adito, por sua vez, manifesta um tipo de relação totalizante com o objeto (trabalho), de

modo que se encontra assujeitado e passivo, pois são a presença e a demanda laboral que garantem a sua existência.

O trabalhador adito, de acordo com Gurfinkel (2011), encontra-se em um estado-limite de esgotamento e exaustão em relação ao seu trabalho. O abatimento e desilusão tomam conta no momento em que se descobre que tamanho esforço e sacrifício não valerem à pena, pois para este trabalhador nenhum reconhecimento será suficiente para esta excessiva dedicação. Evidencia-se, nestas condições, a ausência de produção de sentidos pela via do trabalho. Em suma, Gurfinkel (2011) afirma que “trata-se de uma vivência de perda de sentido. O trabalhador descobre a sua subjetividade e se desespera por vê-la consumida, inteiramente queimada e carbonizada” (p.33).

A cultura que se presta a estimular e confirmar que trabalhar loucamente não é “loucura”, mas um valor a ser almejado, pede aos sujeitos que eles façam entregas absurdas, não somente de produtos, processos e serviços, mas de si mesmos. Trabalhar “loucamente” relaciona-se ao trabalho exercido sem sujeito, ao labor sem subjetividade, em que a mensuração de uma pseudoexistência passou a se dar pelas horas de dedicação às práticas que precisaram se esvaziar, pois delas não mais puderam participar sujeitos com significações psíquicas particulares.

BIBLIOGRAFIA

- Abraham, T. (2000). Estética da existência e pós-capitalismo. In: APPOA (Associação Psicanalítica de Porto Alegre), O valor simbólico do trabalho e o sujeito contemporâneo (pp. 13-20). Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Bauman, Z. (2001). Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Birman, J. (2012). O sujeito na contemporaneidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Carlotto, M.S. (2011). Adição ao trabalho e relação com fatores de risco sociodemográficos, laborais e psicossociais. *Psico-USF*, 16(1), 87-95.
- Carmo, P. S. (2005). A ideologia do trabalho. 2ed. São Paulo: Moderna.
- Coelho, R. (2010). A psicanálise nas organizações: seus fundamentos, seus desafios. In: *Correio da APPOA*, 188, 27-36.
- Dejours, C. (2012). Trabalho e emancipação. Tradução de Franck Soudant. Brasília: Paralelo 15.
- Figueiredo, L.C. (2012). As diversas faces dos cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea (2ª Ed.). São Paulo: Escrita.
- Freud, S. (1930/2006). O mal-estar na civilização. In: J. Strachey (Ed. & Trad.), Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 21, pp. 65-148). Rio de Janeiro: Imago.
- Gurfinkel, D. (2011). Adições. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Hornstein, L. (2008). As depressões: afetos e humores do viver. São Paulo: Via Lettera: Centro de Estudos Psicanalíticos.
- Júnior, L.E.G. (2008). As relações de trabalho contemporâneas e a perversão. *Revista Reverso*, 30(56), 103-110.
- Killinger, B. (1991). *Workaholic: the respectable addicts*. New York: Simon & Schuster.
- May, R. (2012). Homem à procura de si mesmo. Rio de Janeiro: Vozes.
- Morin, E. (2001). Os sentidos do trabalho. *Revista de Administração de Empresas*, 41(3), 8-19.